# ENTRE FESTAS E FRONTEIRAS SOCIAIS: MEMÓRIA E SOCIABILIDADE NA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE MORADA NOVA

## BETWEEN PARTIES AND SOCIAL BOUNDARIES: MEMORY AND SOCIABILITY AT THE MORADA NOVA RECREATIONAL AND CULTURAL ASSOCIATION

https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-014

**Francisco Chagas Pontes Neto**
Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestrando em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
E-mail: fcpontesneto@gmail.com

**Resumo**

O presente artigo analisa a trajetória da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, no Ceará, entre as décadas de 1950 e 1980, compreendendo-a como um importante espaço de sociabilidade, lazer e distinção social. A partir da análise de estatutos, atas, entrevistas de história oral e bibliografia especializada, investiga-se o papel desempenhado pela Associação na constituição de práticas culturais e na organização da vida social do município. O estudo evidencia que o clube ultrapassava sua função recreativa, atuando como um espaço de legitimação do prestígio das elites locais, por meio de mecanismos de seleção de sócios, normas de conduta e critérios de pertencimento social. Além disso, discute-se a participação feminina na instituição, destacando as relações de gênero e os padrões morais que restringiam a presença das mulheres nos espaços de decisão e disciplinavam o acesso aos eventos promovidos pela Associação. Ao abordar as transformações ocorridas ao longo de sua história, o artigo contribui para a compreensão da formação da cultura urbana em Morada Nova e das relações entre lazer, poder, memória e exclusão social.

**Palavras-chave:** Distinção social; Lazer; Sociabilidade.

**Abstract**

This article analyzes the trajectory of the *Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova* (Recreational and Cultural Association of Morada Nova) in Ceará between the 1950s and the 1980s, viewing it as a significant space for sociability, leisure, and social distinction. Drawing on an analysis of statutes, meeting minutes, oral history interviews, and specialized literature, the study investigates the role the Association played in shaping cultural practices and organizing the municipality's social life. The findings reveal that the club transcended its recreational function, serving as a venue for legitimizing the prestige of local elites through membership selection mechanisms, codes of conduct, and criteria for social belonging. Furthermore, the article discusses women's participation in the institution, highlighting the gender relations

and moral standards that restricted women's presence in decision-making spaces and regulated access to events hosted by the Association. By addressing the transformations that occurred throughout its history, the article contributes to an understanding of the formation of urban culture in Morada Nova and the interplay between leisure, power, memory, and social exclusion.

**Keywords:** Leisure; Social distinction; Sociability.

## 1 INTRODUÇÃO

A história dos clubes recreativos permite compreender aspectos importantes da formação das cidades, das relações de sociabilidade e das formas de distinção social construídas ao longo do século XX. Em Morada Nova, a Associação Recreativa e Cultural destacou-se como um dos principais espaços de convivência da elite local, reunindo práticas de lazer, festividades e eventos que extrapolavam o simples entretenimento, tornando-se também um ambiente de afirmação de prestígio e poder. Nesse contexto, este artigo analisa a trajetória da instituição entre as décadas de 1950 e 1980, discutindo como seus mecanismos de admissão, sua estrutura administrativa e seus códigos de conduta contribuíram para a produção de fronteiras sociais e de gênero, revelando a estreita relação entre memória, cultura e exclusão social.

## 2 A ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE MORADA NOVA: ORIGEM E ORGANIZAÇÃO

Em meados do século XX, a cidade de Morada Nova[1] apresentava um relativo crescimento econômico, político, social e cultural. Diante disso, no contexto urbano, novos espaços de lazer surgiram atendendo, principalmente, as necessidades dos setores mais privilegiados da população, que, muito provavelmente, desejavam manterem-se distante das classes menos favorecida.

Com efeito, o que se vê em Morada Nova, após a década de 1950, é o surgimento de clubes e associações recreativas para os divertimentos sociais. Esses clubes[2], promoviam festas, encontros, reuniões e eventos culturais, tornando-se, dessa forma, ponto de referência para a sociedade que se sentia atraída a frequentá-los uma vez que a presença nos mesmos lhes conferia status de glamour.

Albertina Mirtes de Freitas Pontes, referindo-se ao fenômeno dos clubes no Brasil, observa a forma “mimetizada” que marcou a chegada dos clubes na cidade de Fortaleza.

[1] O município de Morada Nova está localizado na região do Baixo Jaguaribe do Ceará e cerca de 160 km da capital Fortaleza. Segundo os dados do Censo 2022 (IBGE), a população é de aproximadamente 161 mil habitantes. Do ponto de vista econômico, o comércio e a pecuária desempenham papel significativo para o desenvolvimento local.

[2] Convém deixar claro, que apenas os clubes elitistas promoviam esses eventos e manifestações culturais. Assim, os clubes, ditos populares, ficavam restritos apenas as realizações das festas embaladas ao ritmo do forró.

> O fenômeno dos clubes não aconteceu só na capital carioca. Como outras práticas e modismo que aqui chegam de forma mimetizada, tendo como principal matriz inspiradora o Rio de Janeiro ou outros grandes centros Urbanos, também em outras cidades brasileiras aconteceram as práticas dos clubes sociais (...) Nos clubes as pessoas conviviam, viam e eram vistas, divertiam-se e se sentiam fazendo parte de uma comunidade diferenciada. No caso dos clubes elegantes, seria essa, privilegiada, onde se primava pelo cultivo de uma aparência saudável, bonita, distinta, características bem diversas das que eram associadas à "outra Fortaleza". Uma simulação de cidade dentro da outra, antagônicas e distantes em suas realidades.[3]

De fato, a cidade do Rio de Janeiro, desde o período imperial, sempre fora fonte de inspiração de modas, costumes e valores, difundidos e propagados para as outras cidades brasileiras. Dessa forma, eram comuns os costumes cariocas se fazerem presentes, principalmente, no universo sociocultural, das grandes cidades brasileiras.

Assim, a exemplo do que acontecia nos clubes do Rio de Janeiro e Fortaleza, entre outras cidades, essas práticas, guardadas as devidas proporções, foram, também, comuns nos Clubes de Morada Nova, uma vez que a sociedade local se sentia atraída por esses espaços de lazer e sociabilidade. Afinal, lá os freqüentadores desfilavam prestígio e poder perante a sociedade.

## 3 FUNDAÇÃO E ESTRUTURA INTERNA

Fundado em 1948, precisamente em 16 de janeiro, o Clube Familiar de Morada Nova[4], surgiu, no cenário urbano do município como palco de inúmeras festas, encontros e reuniões das classes mais abastardas da sociedade.

De 1948, ano de sua fundação, até 1952, a sede do clube era no Salão de Audiências da Câmara Municipal de Morada Nova[5]. Em 1952, foi construída a sua nova sede, localizada a rua Coronel José Ambrósio, 200, Centro. O clube, segundo o Sr. Gerardo Brilhante, era visto como uma verdadeira "sala de visita"[6] para a cidade, uma vez que ele tinha grande respaldo social. Nos estatutos da Associação, encontramos a sua finalidade:

> Art. 2º – A Associação, cujo tempo de duração é indeterminado, tem por fim:
> desenvolver o espírito social, cultural e artístico de seus sócios;
> promover reuniões e diversões de caráter cultural, artístico e esportivo.[7]

[3] Albertina Mirtes de Freitas Pontes. A Cidade dos Clubes: Modernidade e "Glamour" na Fortaleza de 1950 – 1970. UFC, 2003.
[4] Desde sua fundação em 1948, a Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, recebeu três diferentes nomes: Clube Familiar de Morada Nova (1948-1955); Clube Recreativo e Cultural de Morada Nova (1955); Associação Atlética e Cultural de Morada Nova (17/07/1956). Somente em 07/11/1956 passou a ser chamado de Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova. Um fato curioso é que nas atas das reuniões, não são mencionadas as mudanças dos nomes. Essas informações foram obtidas nos relatos de memória dos entrevistados.
[5] Estudaremos este clube no capitulo III.
[6] Gerardo Brilhante, 55 anos. Entrevista concedida no dia 12/06/2004. O senhor Gerardo Brilhante reside em Morada Nova, é professor, casado e tem dois filhos. Na década de 1970, foi diretor do clube.
[7] Estatutos da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, aprovados em Assembléia Geral, realizada no dia 30 de Junho de 1956.

O acesso ao Clube era restrito aos sócios. No entanto, para ser sócio do Clube, era necessária a indicação de alguém que já pertencesse ao seu quadro de sócios. Tal indicação, visava avaliar se o comportamento social do cidadão, era condizente com as normas da Associação. No Capítulo III dos Estatutos da Associação, os artigos 5º,6º,7º e 8º, além de um parágrafo único, tratam sobre a admissão dos sócios. Vejamos.

> Art. 5º – A admissão de pessoa para sócio deverá ser feita pelo critério de seleção, somente por proposta de um sócio proprietário, à Diretoria, que, depois de ouvida a comissão de sindicâncias, remeterá o processo ao Conselho Deliberativo, com seu parecer.
> Art. 6º – São requisitos indispensáveis para obter o candidato o registro de sócio:
> gozar de bom conceito e ter boa conduta;
> ser maior de 18 anos;
> quando menor de 18 anos e maior de 16, e somente sendo filho de sócio, junto à proposta a permissão do seu genitor;
> ter posição social condigna.
> Art. 7º – Admitido o sócio, este pagará a Tesouraria às obrigações pecuniárias a que estiver sujeito.
> Art. 8º – O candidato cuja admissão for rejeitada poderá interpor recurso no prazo de trinta (30) dias para o mesmo Conselho Deliberativo, demonstrando, documentadamente, a improcedência da decisão, a fim de obter a sua reforma e concessão do registro do sócio.
> $ Único – O candidato que foi rejeitado por oito votos dos membros do conselho, não, poderá recorrer de sua decisão.[8]

Dessa forma, o indivíduo que não atendesse as exigências da Associação, tinha a sua entrada vetada. Assim, a Associação herdou, da antiga Casa da Câmara, todos os mecanismos de distinção e exclusão social.

Havia, contudo, dois tipos de sócios: o sócio proprietário e o sócio contribuinte. Sobre esta distinção o Sr. José Almeida de Oliveira, ex-diretor da Associação, comenta:

> Tinha o sócio proprietário e sócio contribuinte. O sócio proprietário tinha direito as ações do clube. Os sócios contribuintes tinha o direito de freqüentar as festas. Ah! Era apenas um festa mensal, que era chamada festa do sócio promovida pelo diretor do mês. Isso, era uma forma, uma estratégia para o clube conquistar mais sócios. Toda vida, o quadro de sócio proprietário era muito restrito, por que eram pessoas somente da alta camada social. Ah! Primeiro, a pessoa se tornava sócio contribuinte para depois torna-se proprietário. Não podia ser logo sócio proprietário.[9]

Em seu depoimento, o Sr. José Almeida nos revela que, ao promover uma festa mensal para os sócios, a Associação tinha por objetivo atrair novos sócios.

Outra estratégia para ampliar o número de sócios da Associação, era a venda de suas ações. Todavia, convém lembrar que nem todos os indivíduos poderiam comprar as ações, pois, além do critério financeiro, havia o "estudo e análise" da vida do indivíduo. Vejamos como se dava o processo das vendas das ações do Patrimônio Social da Associação.

[8] Estatutos da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, aprovados em Assembléia Geral, realizada no dia 30 de Junho de 1956.
[9] José Almeida de Oliveira, 57 anos Entrevista gravada na sua residência no dia 27/07/2004 . O Sr. José Almeida é casado, tem 4 filhos e é bancário. O mesmo, foi presidente da Associação no período de 1971-1988.

> Art. 32 – A aquisição de ações poderá ser feita de uma vez ou em prestações nunca inferiores a cem cruzeiros (Cr$ 100,00), integralizáveis no prazo máximo de (10) dez meses.
> $ Único – O sócio que deixar de pagar qualquer prestação nas oportunidades estabelecidas neste artigo, perderá em benefício do patrimônio da Associação os pagamentos já realizados.
> Art. 33 – O sócio poderá ser portador de mais de uma ação, mas não exercerá o direito de voto, senão como proprietário de um só título[10].

A venda de ações, era uma prática comum na cidade de Fortaleza, durante o "império dos clubes",[11] uma vez que estes estabelecimentos de lazer utilizavam-se de várias estratégias para ampliar o quadro de sócios. Desse modo, ofereciam aos novos sócios diversas opções de pagamento, como também as "vantagens" de ser sócio. Para tanto, era utilizado um grande marketing para a venda das ações.

Quanto a composição da diretoria da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, era composta pelos seguintes membros: presidente, 1º vice-presidente, 2º vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro e orador. Estes, eram eleitos dentre os sócios proprietários.

O quadro da diretoria era eleito a cada final de ano, precisamente no mês dezembro. Para isso, era necessário cumprir as regras vigentes no edital de eleição. Apenas os sócios proprietários tinham o direito de voto. A solenidade de posse da nova diretoria, era realizada no dia 16 de Janeiro do ano seguinte. Havia, após a posse da nova diretoria, um sorteio para decidir quem seria os diretores de cada mês. Para ilustrar o assunto, recorro a Ata da sessão do dia 25/12/1955.

> Dos vinte e cinco do mês de dezembro do ano de mil novecentos e cicoenta e cinco, na sede social, às 15 horas, reunia-se a assembléia geral ordinária do clube, com a finalidade de eleger os novos dirigentes para o exercício de 1956 (...) O Sr. Presidente disse da finalidade daquela assembléia qual seja a escolha, daqueles que há de guiar os destinos do clube durante o ano de 1956, disse para os senhores sócios que obedecida as normas estatuarias, exercessem com independência e liberdade o direito do voto, votando naqueles que realmente pudessem contribuir para a maior elevação do nível social, cultural e esportivo da nossa vitoriosa agremiação (...). Terminada a votação, o Sr. Presidente abriu a urna e contou as cédulas existentes (...). Em seguida foram proclamados os eleitos, ficando assim constituída a diretoria. Presidente: Francisco Nogueira de Pontes, vice-presidente: Francisco Galvão de Oliveira, primeiro secretário: José Carlos Barboza, segundo secretário: Luis Néri e Silva, tesoureiro: Luis Walter Rabelo maia. Diretores: José Praxedes Filho, Francisco Santos Castelo Branco, Luis Adail Chagas, Geraldo de Freitas Carneiro, José Chagas Sobrinho, Orlando Ernandi Chagas (...) Com a palavra o Sr. Presidente disse que seguindo os estatutos da posse dos eleitos seria 16 de Janeiro de 1956.[12]

No entanto, mudanças significativas ocorreram na Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova durante as décadas de 1970 e 1980. Entre as várias mudanças ocorridas, uma é, a meu ver, a que mais chama atenção: a Associação tornou-se menos rígida quanto à seleção de seu público.

[10] Estatutos da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, aprovados em Assembléia Geral, realizada no dia 30 de Junho de 1956.
[11] Albertina Mirtes de Freitas Pontes. A Cidade dos Clubes: Modernidade e "Glamour" na Fortaleza de 1950 – 1970. op. Cit.
[12] Ata da sessão do Clube Recreativo e Familiar de Morada Nova em 25/12/1955. A assembléia geral foi a aprovada e assinada pelos seguintes presentes: Francisco Nogueira de Pontes (Presidente), Luis Walter Rabelo Maia (vice-presidente), José Carlos Barboza (1ºsecretário), Geraldo de Freitas Carneiro, Luiz Néri e Silva, Francisco Castelo Branco, José Ricardo do Nascimento, Luis Adail Chagas, Francisco Chagas Pontes.

Diante disso, percebemos mudanças quanto ao cumprimento dos seus estatutos. Não quero dizer com isso, que os estatutos não fossem cumpridos ou modificados. No entanto, havia, por parte da diretoria, uma maior flexibilidade quanto ao caráter de admissão de novos sócios, uma vez que foi tornando-se menos seletivo. No entanto, o entusiasmo e a "fantasia" que girava em torno da Associação, continuou o mesmo até os anos de 1990.

Aliás, é justamente na década de 1990 que se iniciou o processo de desvalorização da Associação. Segundo o Sr. José Almeida de Oliveira, a decadência da Associação se deu por questões vinculadas meramente a política local.

> Surgiram grandes clubes, como por exemplo: O Balneário do DNOCS (Década 1970) e a Ilha Solteira (Década 1980). Todos esses dois clubes eram de grande porte. Além de grandes festas, ofereciam ao seu público uma opção a mais: piscinas. A Associação não tinha. Pensamos (a diretoria) numa expansão do clube, onde chegamos a comprar um terreno para construir uma quadra de jogos, piscinas etc (...). Mesmo com esses dois grandes clubes, continuamos em alta. Convivíamos muito bem(...). Por sinal, esses clubes surgiram muitos anos depois do que a Associação e chegaram a fechar logo, logo (...). O problema da nossa decadência, foi conta de divergências políticas local (...). Foi um episódio ocorrido lá dentro do clube, com um dos líderes políticos ( o entrevistado preferiu não citar nomes). Aí, a partir desse triste episódio, passaram a ter festas de rua, principalmente o carnaval. Aí, houve um grande desinteresse da diretoria em promover as grandes festas no clube.[13]

Como ficou evidente no discurso do Sr. José de Almeida, o motivo da decadência da Associação tem origem em questões de natureza política, tão latentes no contexto citadino. Diante disso, percebemos uma teia de interesses em torno da Associação que divergiam entre si. Por conta disso, a mesma encontra-se fadada ao esquecimento.

Embora continue em funcionamento, a Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova perdeu muito do seu prestígio, da usa representatividade social que, outrora, possuía. Seus eventos sempre foram sinônimos de pompa, requinte e elegância; hoje, não existe mais nenhuma expectativa e fantasia entorno de seus eventos.

## 4 O PAPEL DA MULHER

Segundo o registro da Ata da seção de 25/12/1955, podemos perceber que o quadro social da diretoria era composto somente pelo público masculino. Dessa forma, não era permitido mulheres compondo a diretoria. Segundo o Sr. José Almeida de Oliveira, só a partir da década de 1970, as esposas dos membros da diretoria começaram a "participar" indiretamente da diretoria, uma vez que passaram a estar a frente a ornamentação dos eventos.

[13] José Almeida de Oliveira, 57 anos. Entrevista realizada no dia 27/07/2004.

> Não era permitido mulheres compondo a diretoria. No entanto, quando assumi a presidência em 1971, resolvemos (a diretoria) pedir para as nossas esposas ficarem responsáveis pela a ornamentação das festas. Mas elas não tomavam nenhuma decisão quanto à organização, só mesmo com a ornamentação. Afinal, era preciso um toque feminino.[14]

No discurso do Sr. José Almeida, se percebe o destaque a figura feminina. Contudo, convém esclarecer que, durante os anos de 1950, 1960 e 1970, as mulheres não desempenhavam nenhum papel dentro da diretoria.

É interessante percebermos, que mesmo com a projeção social das mulheres após os anos de 1950, ainda era claro a distinção entre os papeis femininos e masculinos. A esse respeito, Carla Bassanezi esclarece:

> Cresceu na década de cinqüenta a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviço de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos (...). Entretanto, eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de cãs e mães, a idéia de incompatibilidade entre o casamento e a vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que trabalhando, a mulher deixava de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados com o marido: ameaças não só a organização doméstica como também a estabilidade do matrimonio.[15]

Assim, a meu ver, a Associação foi extremamente influenciada pelos padrões sociais e culturais vigentes em todo o Brasil. Daí, a não participação das mulheres nos quadros da diretoria.

No entanto, a intensa urbanização ocorrida em Morada Nova a partir da década de 1970, com a implantação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), modificaram os padrões culturais da sociedade moradanovense. Acreditamos que isso explica o fato de uma mulher ter obtido algum destaque dentro da Associação a partir dos anos de 1970.

Podemos dizer que as mulheres sempre foram de certa forma, "alvos" da Associação. De um lado, não tinham direito de participar da diretoria, por outro, as "mulheres desonradas" eram proibidas de entrar ou freqüentar os eventos promovidos pela Associação. Isso se deu, principalmente, nos chamados "anos dourados". Sobre este aspecto, o Sr. Dílson Pontes Chagas revela:

[14] José Almeida de Oliveira, 57 anos. Entrevista gravada no dia 27/07/2004.
[15] Carla Bassanezi. "Mulheres dos anos dourados". IN: História das mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (Coord. de textos) 3ºed. São Paulo: Contexto, 2000. p.624.

> Quando foi construída a sede da Associação por volta de 1953, as festas dançantes deixaram de serem realizadas no Salão das Audiências, pois passavam a serem realizadas na nova sede da Associação. Vale salientar que a Associação tinha um aspecto elitizante, seletivo da sociedade. Lembro bastante que fez-se um estudo, ou uma análise das pessoas, moças ou mulheres que não tinham assim uma vida social regular, vamos dizer que fizessem programas. Naquela época (1950) não se falava, não se dizia programa, mas se falam em raparigas. Essa era a expressão utilizada (...). Como se sabe, algumas famílias daqui de Morada Nova, tinham dessas pessoas e por causa desse aspecto seletivo para a entrada das senhoras, muitas não entravam.[16]

Esse aspecto moralizante do qual nos fala o Sr. Dílson Pontes, era uma forma de segregação social, uma vez que mulheres "desonradas", jamais poderiam freqüentar os eventos promovidos pela Associação. Assim, as "mulheres respeitáveis" não correriam o risco de encontrar essas "mulheres desonradas".

Segundo o Sr. Dilson Pontes, devido ao aspecto tão rígido e moralizante funda-se ainda na década de 1950, outro Clube chamado de Sociedade Pró-melhoramento de Morada Nova. A esse respeito, tece o seguinte comentário:

> O Clube (Associação) era muito moralista. Por conta disso, a sociedade se dividiu. Aí, foi quando criaram um outro clube com nome de Sociedade Pró-melhoramento de Morada Nova, onde muito dos membros da diretoria, entre eles: Francisco Cavalcante, Joaquim Chagas Filho, João Andrade Nântua, José Pessoa de Andrade, Raimundo Brilhante e muitos outros faziam parte desse clube (sociedade pró-melhoramento) (...). A Associação tinha um caráter muito rígido, quanto a seleção de seu público. Alguns membros não concordavam com esse aspecto, por isso fundaram a Sociedade Pró-melhoramento de Morada Nova (...). Lá, não tinha o mesmo aspecto moralizante da Associação. Era normal mesmo, entende? E, se a pessoa tivesse essa "mazela", como considerou o clube, na sociedade Pró-melhoramento ninguém queria saber da vida de ninguém.[17]

Essa "mazela", a qual se refere o Sr. Dílson, diz respeito aquelas mulheres de vidas promíscua, onde jamais poderiam freqüentar os salões da Associação. Na verdade, a Sociedade Pró-melhoramento teve pouco tempo de atuação, pois não conseguiu despertar o interesse na sociedade que se concentrava na Associação[18].

É interessante observar que, após o desaparecimento do Salão da Sociedade Pró-melhoramento de Morada Nova na década de 1960, os membros da diretoria voltaram a fazer parte do quadro de sócios da Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova. Este fato, nos chama atenção para a grande representatividade da Associação perante a sociedade moradanovense.

Nessa perspectiva, a vida social da Associação servia para a manutenção do status de uma elite que desfilava prestígio e poder perante a sociedade. Dessa maneira, os eventos "sociais" promovidos na Associação, serviam para reforçar e legitimar as relações de poder disseminadas na sociedade. Referindo-

[16] Dilson Pontes Chagas.Entrevista realizada no dia 12/07/2004
[17] Dilson Pontes Chagas. Entrevista realizada no dia 12/07/2004.
[18] Essas cisões entre a diretoria, foi comum nos clubes em Fortaleza. Segundo Mirtes Freitas, o clube Iracema foi fundado em resposta a um episódio ocorrido no clube Cearense. Ver: Albertina Mirtes de Freitas Pontes. A Cidade dos Clubes: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970. op.cit.

se aos clubes de Fortaleza, no período de 1950 – 1960 Gisafran Mota Jucá acentua o caráter excludente destes espaços:

> As modalidades de diversão externavam a ânsia de demonstrar uma situação social de prestígio. Por isso, as festas promovidas pelos clubes serviam de ocasião e exibição do "status" adquirido pelos envolvidos nas comemorações. Só que a chance de participar do lazer exibido em recintos privilegiados limitava-se aos mais favorecidos.[19]

A exemplo dos clubes de Fortaleza, na Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, no período 1950-1980, apenas os mais abastados da sociedade (comerciantes, políticos, fazendeiros) freqüentavam o clube. Isto nos faz pensar sobre o caráter excludente da sociedade local no período em questão, bem como sobre os mecanismos de controle social empregados pela Associação.

Ao longo do período que marca as fronteiras temporais desta pesquisa, a Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, cada vez mais firmava-se como um grande clube, conquistando, dessa forma, um enorme prestígio social. A medida em que se firmava como um grande clube, maior era a quantidade de sócios e, conseqüentemente, a atração de mais frequentadores para seus eventos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensa urbanização, iniciada a partir da década de 1950, e, sobretudo, nos anos de 1970, proporcionou a sociedade local o surgimento de novos espaços de lazer e sociabilidade.

Todavia, este artigo, procurou estudar a Associação Recreativa e Cultural de Morada Nova, esta que foi entre 1950-1980, um dos maiores, ou melhor, o maior polo de lazer da sociedade local. Assim, analisamos e verificamos as transformações ocorridas nesse espaço diversional. E, mais: vimos, as mutações sofridas nas mentalidades da sociedade moradanovense.

A pesquisa desvela, sobretudo, uma sociedade fortemente guiada por princípios moralistas, procurando, dessa forma, normatizar e disciplinarizar os seus membros.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. O Império do Divino. **Festa Religiosa e Cultura Popular no Rio de Janeiro. 1830-1900**. Nova Fronteira: São Paulo, FEPEST, 1999.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. "Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador difícil". In. **Clio – Revista de Pesquisa histórica da UFPE**, nº 15. Recife: Universitária, 1994. [p.32-52].

[19] Gisafran Nazareno Mota Jucá. A oralidade dos velhos na Polifonia urbana de Fortaleza. Imprensa Universitária, 2003. p. 79.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A vocação do prazer:a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**; prefácio de Richard Morse - Rio de Janeiro; Rocco, 1993.

BASSANEZI, Carla. "Mulheres dos anos dourados". IN: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (Coord. de textos) 3ºed. São Paulo: Contexto, 2000.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembrança de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. "Lógica e Dissonância: Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária". In. **Revista Brasileira de História**. V.6 nº 11. São Paulo: 1985-1986.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo, Moderna, 1998, p.32.
CHAGAS, Dilson Pontes. Morada Nova em Revista. Fortaleza: ABC editora, 2001.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandro e heróis**: para um sociologia do dilema brasileiro. 6º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Tradução: L.R.Raposo Fontenelle. Fortaleza, edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1983.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

_____."Fortaleza, Cultura e Lazer(1945-1960)". In. **Uma Nova História do Ceará**. Org. Simone de Sousa. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão...[et.al]. 4ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1996.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A Cidade dos Clubes**: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970. UFC, 2003.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**: crônicas histórica de Fortaleza antiga; introdução, Sebastião Rogério Ponte. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

MONTENEGRO, Antônio Torres. "História Oral: caminhos e descaminhos". In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol.13,nº 25-26, Set. 92/Ago.93. [p.55-56].

RAGO, Margareth. Os prazeres da noite. **Prostituição e Códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SCHAWARCZ, Lilian Moritz. **O Império em Procissão**: ritos e símbolos do segundo reinado. Rio de Janeiro. Jorge Alencar ed. 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Arrochar a Titela, Chambregar e Criar um Furdunço. Divertimentos e Tensões Sociais em Campina Grande. In. **A Paraíba no Império e na República**: estudos de história social e cultural. João Pessoa. Idéia, 2003.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História. Nº 15, São Paulo**: PUC, 1997.

_____ ”O que faz a História oral diferente”. In. **Projeto História, nº 14, São Paulo**: PUC, fev. 1997. [p.25-38].

VIEIRA, Maria Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha & KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 2º ed. São Paulo: Ática, 1991.